

histórias roubadas

décio torres cruz

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

O ladrão de histórias

Maurício era um médico que adorava ler e escrever. Queria ter estudado Comunicação, mas seu pai o obrigou a estudar medicina, profissão que ele odiava. Como era inteligente, tornou-se um profissional razoável, já que se interessava mais pela literatura de ficção do que pela literatura médica.

Quando estudante, morava com seus pais em Salvador, mas foi fazer residência médica em São Paulo e por lá ficou. Morava no Jardim Paulista e trabalhava no Hospital das Clínicas. Terminava o plantão, ia correndo para casa para ler e escrever. Ele tinha acumulado uma farta biblioteca e lia quase tudo que lhe caía às mãos. Conseguiu escrever um romance, mas nunca o submetia para publicação, pois era um crítico de si mesmo assaz rigoroso. Depois disso, veio um bloqueio criativo e não conseguiu inspiração para escrever mais nada.

Maurício era apaixonado por Shakespeare até descobrir que o tal bardo era um grandessíssimo ladrão de enredos. Um dia, durante um plantão, quando não havia mais pacientes a atender, começou a ler um livro sobre a origem das peças deste autor. Ficou revoltado ao descobrir que o maior

escritor inglês de todos os tempos havia se apropriado do enredo de histórias orais já existentes previamente ou escritas por outras pessoas. A história do Rei Lear, por exemplo, fazia parte do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, escrito em português na era medieval, muito antes de Shakespeare sonhar em existir. O conde de Barcelos pode ter feito uma tradução da versão francesa de Wace, *Le Roman de Brut*, ou diretamente do texto latino, *Historia Regum Britanniae* (c. 1135) de Geoffrey de Monmouth. A história de Lear parece ter entrado para a literatura inglesa através do texto latino. Já *Romeu e Julieta*, a mais famosa história de amor de todos os tempos, Shakespeare havia adaptado de um poema narrativo de Arthur Brooke. Por sua vez, Brooke havia traduzido para o inglês a história contada em uma novela italiana escrita por Matteo Bandello e essa seria a suposta fonte original. E *Macbeth* é apenas uma adaptação que Shakespeare fez da história deste rei, narrada em *As Crônicas de Holinshed*.

Ao terminar a leitura e tomar conhecimento desses fatos, Maurício ficou possesso. Passou a sentir uma grande raiva desse autor. Considerava Shakespeare um grande gênio literário e, agora, descobria que ele era um fiasco, um simples adaptador de enredos alheios. Cadê a originalidade? Depois reconsiderou: Se os textos dele ficaram famosos, isso se deve à sua capacidade narrativa que tornou seu texto melhor do que o dos outros autores que escreveram a mesma história. E nisso está seu mérito! Não, não tinha razão para sentir raiva de seu ídolo. Voltou atrás e teve de admitir a genialidade de seu escritor preferido. Era preciso ser mesmo um gênio

para conseguir roubar tantas histórias com tanta primazia. Afinal, todo escritor sempre herda algo de um outro e essa influência vai aparecer de alguma forma na sua escrita ou no seu estilo. Foi então que teve uma ideia: se Shakespeare fez isso e conseguiu se tornar tão famoso, por que ele também não poderia fazer o mesmo?

Quando terminou o plantão, voltou correndo para casa com mil projetos fervilhando na cabeça. Finalmente, parecia ter descoberto o caminho para o desbloqueio criativo. Eram tantas ideias que lhe surgiam que não sabia por onde começar.

Agora bastava ele se lembrar das diversas histórias que seus amigos e familiares lhe contaram, ou apenas relembrar as histórias da vida dessas pessoas e colocá-las no papel. Já tinha enredos de sobra para escrever romances a vida inteira. Sem falar nas possibilidades de adaptações de poemas, peças, contos e novelas para romances, além da vida de personagens históricos e de escritores famosos. Era uma festa criativa sem fim!

Chegou em casa, tomou banho, esquentou a comida retirada da geladeira no micro-ondas, comeu rápido e logo depois correu para o computador. Por onde começar? As histórias passaram a emergir aos borbotões. Foi quando teve uma outra ideia: em vez de escrever um romance, escreveria contos. Eram mais rápidos e mais fáceis de escrever e poderia contar muitas histórias diferentes em um único livro.

Começou a narrar os casos que um amigo psicanalista lhe contara em segredo. Eram histórias de vários pacientes.

Mudou os nomes dos personagens, mas manteve todos os fatos nos mínimos detalhes. Cada caso virou um conto. Quando terminou essas histórias, releu o texto completo, criou coragem e enviou o livro anexado por e-mail para uma editora famosa. Agora era só esperar o resultado.

Após três semanas, o editor-chefe entrou em contato com ele e propôs publicação imediata. No dia seguinte, enviaram um contrato por e-mail pronto para ele assinar. Iam fazer uma edição de 10 mil exemplares, cabendo-lhe 30% das vendas, caso raríssimo nas editoras brasileiras. Maurício ficou feliz da vida.

O livro foi lançado em uma famosa livraria na Avenida Paulista, com bastante publicidade da mídia escrita e televisiva, e a edição esgotou em três semanas. Foi feita uma nova impressão às pressas para suprir as demandas das livrarias de todo o País. De repente, Maurício tornava-se uma celebridade e seu livro virou um best-seller em todas as listas nacionais. Meses depois o livro ganhou diversos prêmios, incluindo o de livro revelação do ano.

Empolgado com o sucesso de sua primeira publicação, Maurício escreve um novo livro de contos, dessa vez com as histórias de 20 pessoas, incluindo amigos e familiares. Manteve a mesma estrutura anterior, mudando os nomes dos personagens, mas preservou as histórias nos mínimos detalhes, contendo descrições mais escabrosas, como as descritas por um primo seu que era padre e lhe contava sobre as orgias que aconteciam entre padres e noviços no seminário. Concluiu o livro em um mês e enviou ao editor que, imediatamente,

propôs um contrato de 30 mil exemplares, batendo o recorde anterior. Ele prontamente aceitou. De repente, viu seu nome e seu livro aparecerem em todos os veículos de propaganda imagináveis: *outdoors*, jornais, pôsteres em ônibus e metrô, trailers em canais do YouTube e em todas as mídias sociais. Começou a ser convidado para entrevistas em rádios e TVs em várias capitais. Seus livros eram expostos nas vitrines das principais livrarias nacionais. Era o autor destaque de todas as feiras literárias e de vários congressos de literatura. Mais uma vez, bate outro recorde da lista de best-sellers.

Uma grande rede de televisão o procura, querendo comprar os direitos autorais para adaptar alguns dos contos de ambos os livros para duas minisséries. Um famoso diretor de cinema quer adaptar alguns de seus contos para filmes. Surgem propostas de tradução para diversas línguas estrangeiras e ele aceita todas. Com o dinheiro que surge das vendas dos livros e dos direitos para tradução e adaptação, Maurício decide deixar sua profissão de médico para viver só de literatura.

Quando a primeira minissérie vai ao ar, sucesso total: o índice de audiência bate o recorde de todos os programas da emissora. Imediatamente a rede o contrata para escrever sua próxima novela, e ele vê seu antigo salário de médico centuplicar de uma hora para outra. Subitamente, o sucesso repentino o transformara não só em uma celebridade do mundo das letras, mas também em um escritor milionário. Maurício parecia estar vivendo um sonho sem fim.

Uma noite, ao retornar da TV, depois de um dia de trabalho no texto da próxima novela e chegar ao prédio onde mora,

encontra um oficial de justiça na portaria, esperando-o com uma intimação para que ele compareça à delegacia do bairro no dia seguinte para tratar de assunto de seu interesse. Assina o documento, dirige-se ao seu apartamento sem entender direito o que estava acontecendo. Toma um banho, esquenta a comida e senta-se no sofá para comer enquanto assiste às notícias. Quando liga a TV, vê seu rosto estampado no noticiário: todos os clientes de seu amigo psicanalista haviam entrado com uma denúncia coletiva contra ele e seu amigo. Contra o amigo, por abuso de confiança entre cliente e psicanalista e quebra de sigilo de informação. Quanto a ele, a editora e a rede de TV, estavam todos sendo acusados por danos morais devido à apropriação de suas histórias e uso de informações sigilosas em proveito próprio sem a anuência das pessoas envolvidas. O grupo estava exigindo uma indenização milionária por danos morais e uso de informações sem autorização prévia dos envolvidos.

Apanha o controle, muda de estação, mas a notícia se repete. Em outro canal, acontece a mesma coisa. Desta vez, em uma roda de conversa de especialistas sobre ética e direitos autorais, o grupo discute se o uso inapropriado e não autorizado de histórias pode constituir plágio da história das vidas dessas pessoas, já que suas intimidades foram invadidas sem as suas autorizações. Afinal, a vida de uma pessoa pode ser considerada uma obra?

A advogada da Associação Nacional de Escritores defende o direito de criação e diz que por mais que uma vida seja recontada, ela se transforma em ficção no momento em que o nome verdadeiro da pessoa não está sendo usado e que

outros elementos são adicionados à história, o que é diferente do caso de biografias não autorizadas de celebridades e pessoas públicas. Ela cita a legislação a respeito do assunto que indica que o direito do autor recai sobre o texto escrito ou roteiro e não sobre a história pessoal. Diz: “Se não houver cópia, não existe plágio. Uma inspiração na história de uma pessoa pode gerar apenas ações por danos morais”. Explica que o direito de imagem e privacidade não está de modo algum relacionado à propriedade intelectual, já que uma vida, de quem quer que seja, não pode ser considerada uma obra, pelo menos no que diz respeito ao direito autoral. E conclui: “A obra só existe como tal no momento em que é escrita, seja como texto literário ou roteiro de filme ou de qualquer obra audiovisual”.

Os entrevistados discutem o caso de biografias de pessoas públicas *versus* histórias de pessoas anônimas. Alguém cita o caso de uma novela de TV, escrita por um famoso autor brasileiro, sobre uma criança sequestrada e criada pela sequestradora como se ela fosse a verdadeira mãe. A história foi baseada em uma história real, noticiada nos jornais da época, muito antes de a novela ser transmitida. O assunto gerou grande polêmica, mas ninguém entrou com processo contra a emissora. Outra entrevistada lembra o caso de um filme da década de 80, baseado na vida de uma professora de dança que vendeu os direitos de sua história para um estúdio de cinema por uma bagatela. Depois do sucesso estrondoso do filme e da música tema, a professora reivindicou o direito de coautoria, o que foi negado pelos juízes, já que não houve nenhuma participação dela na escrita do roteiro. Vários outros casos são citados.

E-mail: *deciotc@ufba.br*
Facebook: */decio.torres.3*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Cambria pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em maio de 2022.
